

DE LÁ PRA CÁ E O BAÚ DO ZÉ: UM PROJETO DE LEITURA E DIVERSIDADE RACIAL

Fábio Ferreira Lopes¹
Emídio Pereira Maravilha²
Gidelma Abreu de Moraes³
Maria Gizélia da Silva Pinheiro⁴
Janine Vicente Dias⁵

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta uma reflexão sobre a diversidade étnico-racial e de como a prática da leitura pode vir a ter efeito de poder no combate a questões vinculadas a práticas discriminatórias, como o *bullying*. Para acionar este tipo de pedagogia, a elaboração e execução de um projeto de trabalho foi de fundamental importância, haja vista a sinergia que deve envolver a escola como um todo ao tratar deste tema.

Nesse sentido, tal projeto teve como objetivo geral proporcionar ao aluno leituras diversas que abordam temas étnico-raciais, quebrando ideologias pré-estabelecidas sobre o racismo e ao mesmo tempo estimulando o gosto e o hábito pela leitura e combate ao *bullying* escolar.

Aqui já é importante destacar que o projeto surgiu das experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia – PARFOR/CAPES/UEPB, apresentando uma reflexão sobre o Ensino Fundamental, leitura e diversidade racial. O Estágio Supervisionado, por sua vez, caracteriza-se como eixo de formação profissional, sendo a escola o *locus* de ação e reflexão para construção de uma prática educativa, junto às crianças de 6 a 14 anos. O mesmo foi desenvolvido na E.M.E.I.F. Cônego Joaquim de Assis Ferreira, com uma proposta multidisciplinar, partindo do pressuposto de um trabalho de conscientização de que esta realidade necessitava, visando o aperfeiçoamento da aprendizagem e da formação cidadã.

¹Graduado pelo Curso de Letras das Faculdades Integradas de Patos - FIP e Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, fabio.ferreiralopes@hotmail.com;

²Graduado pelo Curso de História das Faculdades Integradas de Patos - FIP, emidiomaravilha@yahoo.com;

³Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA, gidelmaabreudemoraes@yahoo.com.br;

⁴Graduada pelo Curso de Pedagogia das Faculdades Integradas de Patos - FIP, gizelia_silv@hotmail.com;

⁵ Professor orientador: Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, janinefdias@gmail.com.

METODOLOGIA

A realização do projeto se deu no âmbito do Estágio Supervisionado, que foi realizado na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Cônego Joaquim de Assis Ferreira, localizada na cidade de Malta-PB, na turma de 5º ano, no turno manhã, com 29 alunos.

A escola tem como último IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) nos anos iniciais do ensino fundamental nota 5.7.

Nesta escola, o projeto **De lá pra cá e o baú do Zé: leitura e diversidade na escola** abordou as temáticas de leitura, diversidade étnico-racial e a questão do bullying. O termo “De lá pra cá” faz a relação diaspórica entre a África e o Brasil. O mesmo tem como objetivo proporcionar ao aluno leituras diversas que abordam temas étnico-raciais, quebrando ideologias pré-estabelecidas sobre o racismo. O trabalho iniciou-se com uma conversa informal sobre os conhecimentos prévios da turma acerca dos temas abordados e apresentação da proposta.

O desenvolvimento do projeto aconteceu da seguinte forma: cada aluno leva o baú com obras como: *Felicidade não tem cor*, de Júlio Emílio Braz; *Betina*, de Nilma Lino Gomes; *A semente que veio da África*, de Heloisa Pires Lima; *Canção dos povos africanos*, de Fernando Paixão; *Todos zoam todos*, de Dipacho; *Bruna e a galinha d’Angola*, de Gercilga de Almeida; *O marimbondo do quilombo*, de Heloisa Pires Lima que abordam as temáticas étnico-raciais; bem como brinquedos referentes às leituras e um boneco de pano.

De acordo com a ordem alfabética do diário de classe, o baú era levado para casa, em seguida o aluno escolhia apenas um livro dentre os demais e realizava a leitura do mesmo para o boneco, logo após preenchia a ficha de leitura e enviava fotos via aplicativo de *WhatsApp* para o professor.

A culminância se deu a partir de painéis com fotos dos alunos no desenvolvimento do projeto e ilustrações da África, da escravidão dos negros no Brasil, apresentação de danças pertencentes à cultura africana, exposição de personagens referentes à cultura africana e amostragem de algumas comidas da culinária africana e indígena.

DESENVOLVIMENTO

LEITURA E DIVERSIDADE RACIAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Desde o surgimento da humanidade o homem vem buscando várias formas de comunicação para a evolução da sociedade. Foram através de gestos, expressões, símbolos, sinais e manifestações que o homem realizou suas primeiras leituras buscando captar a realidade e modificá-la.

Nesta perspectiva, observa-se o quanto a leitura é importante na vida do indivíduo, pois o contato desde cedo com os diversos tipos de textos, exercita a curiosidade, a criticidade, a reflexão, ao mesmo tempo em que promove a formulação de novas ideias, inspira a construção e a transformação de sujeitos autônomos capazes de intervir na organização de uma sociedade mais consciente. Por isso, para Freire: “leitura boa é a leitura que empurra para a vida, que interessa viver, onde ler é uma forma de estar no mundo” (1999, p.09). Por este caminho, entende-se que, a boa leitura deve dá significado à vida, pois lendo o indivíduo estará executando o ato de conhecer e compreender o mundo que o cerca. Já para Solé:

“[...] a leitura não é compreendida como uma simples ação de decodificação de símbolos gráficos. Ler é um processo de interação entre um leitor e um texto no qual o leitor interpreta os conteúdos que o texto apresenta [...]” (1998, p. 41).

Destarte, entende-se que ler é compreender um texto, atribuir sentido ao que está escrito, interpretar o seu sentido, descobrir nele um significado. É uma interação entre o pensamento ativo do leitor e o que diz o texto, pois, segundo Lajolo:

“o texto não é pretexto para nada. Ou melhor, não deve ser. Um texto existe apenas na medida em que se constitui ponto de encontro entre dois sujeitos: o que o escreve e o que o lê” (1986, p. 52).

De tal modo, que mesmo desvalorizados tradicionalmente no período colonial e no século XIX, os aspectos da cultura brasileira de origem africana passaram por um processo de redefinição ou reconstrução a partir do século XX que continua até os dias de hoje.

De acordo com Mattos (2012, p.11):

A história das sociedades africanas foi, durante muito tempo, deixada de lado, em grande medida devido às ideias preconcebidas sobre o continente africano

produzidas, sobretudo pelos europeus, nos séculos XVIII e XIX. Como as sociedades africanas não apresentavam as mesmas instituições políticas, não possuíam padrões de comportamento e visões de mundo semelhantes aos dos europeus, a conclusão só podia ser uma: a de uma sociedade não civilizada e sem História.

No entanto, é perceptível que os “afro-brasileiros” se destacam em diferentes formas de arte, sobretudo na música, no meio comercial, no teatro, em filmes, no meio empresarial e em muitos outros meios no Brasil, muitas vezes sobressaindo-se a frente daqueles brancos que se diziam insuperáveis.

O Brasil de hoje é inegavelmente um país de semblante africano. Em seus modos de falar, de comer, de pensar e de agir, o brasileiro carrega, mesmo que muitas vezes inconscientemente, marcas de uma época em que os continentes americano e africano superaram a barreira física do Oceano Atlântico e estabeleceram contatos profundos e duradouros. Como explicita Mattos (2012, p.14):

[...] os negros [...] galgando espaços na sociedade, preservavam manifestações como as congadas, os maracatus, o tambor de crioula e criavam novas expressões culturais, como os afoxés e blocos afros, os gêneros musicais maxixe e samba, e o Movimento Hip-Hop, formando, assim, o que chamamos hoje de cultura afro-brasileira.

Essa diversidade é fruto de uma miscigenação historicamente produzida no passado e, como nunca, reproduzida no presente, sobretudo, nos espaços escolares, caracterizando grandes debates e discussões acerca desta temática, que vem ganhando força através da Lei nº 10.639/03.

CULTURA AFRO-BRASILEIRA: O QUE DIZEM OS DOCUMENTOS LEGAIS?

Em 9 de janeiro de 2003 foi assinada a Lei nº 10.639/03, que institui a obrigatoriedade do ensino da história da África e da cultura afro-brasileira nas escolas, mas em 10 de março de 2008, a Lei nº 11.645/08 reformulou o artigo 26-A, incluindo a obrigatoriedade do estudo da história e cultura dos povos indígenas, que também caracterizaram a formação da população brasileira. Nesse sentido, de acordo com essa lei:

Artigo 26-A: Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§1º: O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

A educação constitui-se um dos princípios ativos e mecanismo de transformação de um povo. E por ser papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias. A BNCC, por sua vez, subscreve:

A inclusão dos temas obrigatórios definidos pela legislação vigente, tais como a história da África e das culturas afro-brasileira e indígena, deve ultrapassar a dimensão puramente retórica e permitir que se defenda o estudo dessas populações como artífices da própria história do Brasil. A relevância da história desses grupos humanos reside na possibilidade de os estudantes compreenderem o papel das alteridades presentes na sociedade brasileira, comprometerem-se com elas e, ainda, perceberem que existem outros referenciais de produção, circulação e transmissão de conhecimentos, que podem se entrecruzar com aqueles considerados consagrados nos espaços formais de produção de saber.

Deste modo, a experiência educativa contribui para o desenvolvimento das competências e habilidades previstas na BNCC.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A proposta apresentada neste trabalho culminou com alguns pontos positivos no tocante ao conhecimento e aprendizagem tanto do professor-pesquisador quanto dos alunos envolvidos, visto que os mesmos demonstraram amplo interesse por leituras que tratassem do tema, bem como as aulas tornaram-se mais atrativas e participativas. Assim, na culminância do projeto, os alunos demonstraram ter compreendido de forma clara e coesa o intertexto entre a história afro-brasileira, alcançados bons resultados em termos de dados avaliativos.

Depois de muita leitura, pesquisas em diversas fontes e trabalho de campo abordando o tema com pessoas dos mais variados níveis de escolaridade e social, pode-se perceber o

quanto o racismo está enraizado nos seres humanos, e, também, o quanto a escola está ainda distante de uma abordagem eficaz para tentar erradicar, ou, pelos menos, coibir um pouco a prática do racismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática afro-brasileira no contexto da sala de aula de forma mais sistematizada proporciona ao professor produzir e ampliar seu conhecimento e possibilita aos alunos um contato mais profundo e organizado de qualquer temática, no caso específico, a cultura afro-brasileira.

Nesta perspectiva, considera-se latente a necessidade de se utilizar tramas literárias para o envolver pedagógico de forma a contribuir para a desconstrução da crença de que o Brasil é uma democracia racial e para a superação das práticas que tem reforçado a equivocada ideia de monoculturalismo na sociedade.

Palavras-chave: Educação. Leitura. Diversidade Racial.

REFERÊNCIAS

Brasil. Lei nº. 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. **Diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF: Congresso Nacional, 1996.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Terceira versão. Brasília: MEC, 2017.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1999.

LAJOLO, M. O texto não é pretexto. In: PEREIRA, Regina Celi M. (Org.). **Práticas de Leitura e Escrita na Escola: construindo textos e reconstruindo sentidos**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**. São Paulo: Contexto 2012.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.